

## ➤ A AMÉRICA DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DE SUA LITERATURA: um estudo sobre a questão da identidade no romance Moby-Dick

Adriana Zanela Nunes - UFRJ

### I. INTRODUÇÃO

“Todo texto é um pretexto

Um texto critica outro texto.”

(Profa. Sueli Cavendish em aula do dia 28 de maio de 2003.)

O presente trabalho tem como proposta chamar a atenção para a questão da identidade, do “self”, do si mesmo, como identificador de uma cultura, de um país, de uma língua de uma história, de um personagem. O foco de meu trabalho será o romance Moby-Dick, de Herman Melville (1819-1891), e no que este reforça uma identidade ou a busca por uma identidade. É, portanto, a procura do eu-nação, do eu-indivíduo, situando-me na Literatura Norte-Americana.

Além de Melville, cito, no contexto do romance da literatura norte-americana do século XIX, período do Romantismo, outros autores (e algumas obras suas) por serem contemporâneos de Melville e também trabalharem a questão da busca de uma identidade.

Edgar Allan Poe (1809-1849) é um dos mais importantes escritores norte-americanos. Foi poeta, crítico literário e contista. Nascido em Boston, faleceu em Baltimore. É considerado o pai da literatura policial,[1] o inventor da história de detetives, cujo mistério se resolve pelo uso da razão. No conto “The Purloined Letter” (“A Carta Roubada”), podemos observar os detalhes matemáticos e precisos com relação à descrição do momento de procura pela carta roubada. Além disso, chama a atenção também a questão do olhar, do ver o outro e ser visto pelo outro. No conto citado, os personagens às vezes não estão vendo, às vezes, vendo que o outro não vê e, às vezes, vendo tudo. Isso é o que acontece com o capitão Ahab, em Moby Dick, ele é engolido pela própria obsessão que não o deixa ver.

Poe deve à França e, especialmente, a Charles Baudelaire, a difusão de sua obra. Em 1956, o editor Michel Lévy lança o livro Histórias extraordinárias, coletânea de treze contos traduzidos por Baudelaire. Hoje, as prateleiras das locadoras já podem usufruir desse clássico, em vídeo e em DVD. O longa metragem Histórias extraordinárias (Histoires Extraordinaires) foi dirigido pelos diretores Roger Vadim, Louis Malle, Federico Fellini e Roman Polanski. Reúne três contos inspirados no livro Spirits of the Dead (Espíritos dos mortos), de Poe.

Sobre Edgar Allan Poe, escreveu o crítico literário Oscar: “(...) é um dos raros autores cuja influência se faz sentir através dos tempos e sobre os espíritos mais diversos, como elemento gerador de novas criações e de renovação de temas”. [2]

Outro grande autor da ficção americana é William Faulkner (1897-1962). Situado no final do século XIX e início do XX, escreveu sobre os problemas da identidade do corpo, tema que ganhará grande destaque no século XX.[3] Faulkner tem a maior parte de suas obras passada em locais definidos, a saber, o Sul dos Estados Unidos. Foi ele quem disse: “Para ser grande é necessário 99% de talento, 99% de disciplina e 99% de trabalho.”[4] Com o romance Enquanto eu agonizo, ganhou, em 1949, o prêmio Nobel de Literatura. Além desse romance, O som e a fúria (1929) e As Palmeiras Selvagens (1939) marcaram a fórmula de sua arte. Ainda hoje é um escritor que instiga vários pesquisadores O mais recente trabalho publicado que faz jus ao escritor e que se tem conhecimento é o de Sueli Cavendish.[5] No texto, Sueli trata de duas grande obras de Faulkner, que são o romance Palmeiras Selvagens e o conto “O velho”. Ela chama a atenção para a tentativa feita pela crítica de separar as duas histórias. Resumindo, ela lembra que o que acontece numa história deixa marcas na outra, ou seja, uma depende da outra para ter sentido completo. Outro artigo publicado sobre Faulkner, em

2002[6], comenta a publicação no Brasil de Esquetes de Nova Orleans.

Os temas faulknerianos giram em torno de questões atualíssimas, tais como os desventurados (do Sul dos Estados Unidos), os negros, os jovens sem oportunidades, os imigrantes europeus enganados pela fábula (americana), mendigos, prostitutas e andarilhos.

Henry James (1843-1916) é mais um escritor contemporâneo de Melville. Dele e de seu conto “Daisy Miller” falaremos com mais detalhes na parte “A Literatura Norte-Americana no Século XIX”.

Nathaniel Hawthorne (1804-1864), a quem Moby Dick é dedicado, é outro grande escritor americano. Escreveu o romance *The Scarlet Letter* (1850) (A letra escarlate). Foi amigo e vizinho de Melville.[7]

Na poesia, temos Walt Whitman (1819-1892), que também trata em seus poemas da questão do self do corpo.[8] Aqui alguns de seus versos:

When Lilacs Last in the Dooryard

Bloom'd or “Out of the Cradle

Endlessly Rocking”, or “Crossing

Brooklyn Ferry” - to name only a

Few - would be masterpieces in any literature.

(...) Whitman insistiu na unidade da personalidade e na importância significativa de toda experiência. Ele exaltou os valores do simples, o milagre do camundongo, a saudável falta de som da mão sem piedade, o suor do garoto.[9]

A escolha por Herman Melville se deve ao fato de esse autor ressaltar a questão da identidade numa época (século XIX) de reafirmação da História Americana. A questão da identidade é apresentada no romance *Moby-Dick* através da personagem do capitão Ahab, que tem uma perna mutilada por uma baleia branca, a terrível *Moby-Dick*. A partir daí, torna-se um homem obcecado pela baleia que o mutilou – uma alegoria da busca de sua identidade.

Para definir o conceito de identidade, usei o Dicionário de Filosofia[10] de Nicola Abbagnano, que apresenta três definições fundamentais:

1ª como unidade de substância;

2ª como possibilidade de substituição;

3ª como convenção.

A 1ª definição é de Aristóteles, que diz: “Em sentido essencial, as coisas são idênticas no mesmo sentido em que são unas, já que são idênticas quando é uma só sua matéria (em espécie ou em número) ou quando sua substância é uma” (p.528).

A 2ª definição é de Leibniz, que aproxima o conceito de identidade ao de igualdade: “Idênticas são as coisas que se podem substituir uma à outra” (p.529).

A 3ª definição diz que pode ser estabelecida ou reconhecida com base em qualquer critério convencional. De acordo com essa concepção, não é possível estabelecer em definitivo o significado da

identidade ou o critério para reconhecê-la, mas, dentro de determinado sistema lingüístico, é possível determinar esse critério de forma convencional, mas oportuna (p.529).

Entendo que a identidade relacionada no romance está dentro dessa terceira definição, que abre caminhos outros e não estabelece uma única definição apenas para o significado dessa palavra. É a constante procura do self por ele mesmo, na tentativa de formar o todo que jamais é alcançado. Esse é o desafio e a grande obsessão do capitão Ahab.

A idéia recorrente na literatura americana na época era de que: “A lógica filosófica do século XIX continuou incluindo o princípio da identidade entre as leis universais do pensamento embora não faltasse quem lhe negasse qualquer significado”.[11]

## 2- A LITERATURA NORTE-AMERICANA DO SÉCULO XIX

As incertezas de 1919 haviam terminado - parecia haver pouca dúvida quanto ao que iria acontecer - os Estados Unidos estavam partindo para a maior e mais escandalosa esbórnica da história e haveria muito o que se contar a respeito. Todo aquele surto dourado estava no ar - suas esplêndidas generosidades, suas ultrajantes corrupções e a luta mortal tortuosa da velha América do Norte durante a Lei Seca. Todas as histórias que me vinham à cabeça traziam em si um toque de desastre...

F. Scott Fitzgerald, “Early Success”(1937).[12]

O objetivo aqui é falar do tipo de literatura que estava sendo produzida nessa época, a saber, o Romantismo. O termo “romantismo” pode referir-se a todo um pensamento humano ou a um movimento do final do século XVIII e início do XIX. Na primeira acepção, romantismo significa criar uma interpretação da vida como desejaríamos e nossos desejos fossem realizados. As composições românticas são obras de uma literatura de realização de desejos, de uma vida de aventuras que raramente são alcançadas pelos homens.

Historicamente, o período romântico se caracterizou pelo interesse do homem no ideal e não no real, e a literatura preocupava-se mais em satisfazer a necessidade de uma visão do que dos fatos. Liberdade era a palavra-chave: liberdade para o desenvolvimento, para o ser humano individual. A arte de escrever sentiu o impulso para a liberação e a ampliação do ser individual, sem, contudo, deixar de olhar para fora, como o interesse pela Idade Média, por exemplo.[13]

Seus principais autores, segundo a afirmação de certos críticos, são William Faulkner (final do século XIX), autor de O som e a fúria, e Henry James (1843-1916), autor de “Daisy Miller”. Vejamos o comentário de Ítalo Calvino sobre o conto de Henry James:

(...) personagem de moça cheia de vida, que explicitamente aspira a simbolizar a falta de preconceitos e a inocência da jovem América. Contudo, é um conto não menos misterioso que outros desse autor introvertido (...)

Como muitos dos contos e romances de James, “Daisy Miller” se passa na Europa, e a Europa é também aqui pedra de toque com que a América se confronta. Uma América reduzida a um specimen sintético: a colônia dos felizes turistas norte-americanos na Suíça e em Roma, aquele mundo ao qual Henry James pertenceu nos anos da juventude (...).[14]

O conto “Daisy Miller” saiu em revista em 1878 e, como livro, em 1879. É uma narrativa sobre arte, conflito entre culturas, sobre ingenuidade e senectude. O equilíbrio desses temas na obra chega bastante próximo de algo que só a palavra perfeição pode descrever. O horror que o autor tinha dos pobres fazia com que seus personagens fossem sempre nobres, ricos, desocupados e artistas elegantes. Aborrecia-se com a insistência dos romancistas que só tinham como tema: marido, mulher e

amante. O conto simboliza a falta de preconceitos e a inocência da jovem América. O cenário do conto é a Europa, e a Europa é também aqui ponto de confronto com a América.[15]

Henry James teve uma infância peregrina, o que lhe permitiu aprender várias línguas. Tinha um francês não menos que perfeito, e, além disso, a experiência errante o levou a desenvolver um dos temas constantes de sua obra: o confronto entre as culturas do Novo e do Velho Mundo.[16] Com as formas degradadas da ficção contemporânea, James denunciava o movimento contraditório da cultura moderna, que seguia uma vulgarização da arte e da experiência ficcional à medida que o romance se expandia.

Em seu ensaio “A arte da ficção” (1884), Henry James continuava fiel aos princípios estéticos da arte que, segundo ele, só podia ser atingida se houvesse autenticidade na obra. Para ele, a arte verdadeira nutre-se da experiência autêntica. É com admiração que discute a autenticidade da arte do fundador do movimento naturalista na literatura, o romancista e crítico francês Émile Zola (1840-1902).

Em seu ensaio “O futuro do romance”, Henry James responde à questão proposta: qual será o futuro do romance? Será, afirma, “o futuro da sociedade que o produz e consome.”

Outro grande romancista americano, do final do século XIX e início do XX é William Faulkner. Autor de romances psicológicos e simbólicos que retratam o sul dos Estados Unidos, sua grande obra é *O som e a fúria*, romance de narração descritiva, publicado em 1929. A apresentação das três personagens é concebida de tal maneira que o leitor se vê obrigado a viver, ele próprio, sucessivamente, a existência de cada uma delas até o momento em que, tornado claro o tema principal do romance, começa a entender o sentido geral da obra. Uma matéria publicada on-line, intitulada “Nosso velho conhecido Faulkner”, resume bem a obra:

(...) seu livro mais conhecido é *O som e a fúria*, inspirado no célebre monólogo shakespeariano em que Macbeth diz: “A vida é sombra passageira, um mísero ator que chega, agita a cena inteira, diz sua fala e sai. E ninguém mais o nota. É uma história narrada por um idiota, cheia de sons, de fúria, e não dizendo nada.[17]

Faulkner dizia que o amor, o dinheiro e a morte são os três temas fundamentais para qualquer história. Recusava-se a fazer da literatura um instrumento político. Para ele:

quando alguém começa a tratar da injustiça da sociedade, ele deixa de ser, em primeiro lugar, um romancista e se torna um polemista ou um propagandista. O autor de romances de imaginação não é nada disso. Ele se utiliza da injustiça da sociedade, da desumanidade das pessoas como de qualquer outra ferramenta, com o intuito de contar sua história, que consiste em descrever seres humanos, e não a injustiça ou a desumanidade das pessoas, mas as próprias pessoas com suas aspirações, seus esforços e as situações bizarras, cômicas ou trágicas com que se deparam.[18]

Nathaniel Hawthorne (1804-1864) é outro autor norte-americano que se destaca no cenário da literatura americana do período romântico, com o romance *The Scarlet Letter*. Amigo e vizinho de Melville, tinham as mesmas idéias filosóficas, e dessa amizade Melville teve sua energia criativa reavivada.

O escritor Ítalo Calvino lista em seu livro *Por que ler os clássicos*[19] algumas propostas de definição sobre a leitura de clássicos da literatura que considero relevantes para este trabalho que envolve literatura clássica:

I. Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo...” e nunca “Estou lendo...;

2. Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menos para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los;
3. Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual;
4. Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira;
5. Toda primeira leitura de um clássico é na realidade uma releitura;
6. Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer;
7. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes);
8. Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente os repele para longe;
9. Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos, etc;

O século XIX (1800-1900) foi marcadamente voltado para os valores estéticos da arte romântica, numa república agrária, mas que caminhou, também, em direção da arte realista, num industrialismo urbano. O ambiente americano; a profissão das letras; o renascimento da Nova Inglaterra: a herança puritana; o velho Sul: a aristocracia de fazendeiros e o interior; a arte realista; a ficção do regionalismo – foram alguns dos vários movimentos do período Romântico na América.

A América queria se reafirmar, mostrar sua identidade, seu “eu” próprio como nação que surgia cheia de força e talento. Um representante fiel dessa necessidade libertária é *Moby-Dick*, de Herman Melville.

### 3. MELVILLE'S MOBY-DICK: A QUESTÃO DA IDENTIDADE/"SELF"

Herman Melville (1819-1891) é considerado um dos maiores romancistas norte-americanos do século XIX. Caracterizado, inicialmente, como romântico, gradualmente passou a escrever uma literatura mais realista. Seu maior romance é uma excitante aventura sobre o capitão Ahab e seu fanático desejo de capturar a baleia branca, *Moby-Dick*. [20]

*Moby-Dick* é chamada de “monstrous albino whale” (“monstruosa baleia albina”) e também de “the dark angel, who conspires against God for possession of the universe” (“o anjo negro[mau] que conspira contra Deus pela posse do universo”). [21]

Melville nasceu em Nova York, é o terceiro dos oito filhos do casal Allan e Maria Gansevoort Melvill. O pai, trabalhava com importação, mas com o fracasso nos negócios, a família deixou Nova York e foi para Albany, onde o pai veio a falecer dois anos mais tarde. Órfão de pai aos doze anos, Melville teve que interromper os estudos aos quinze e ir trabalhar como bancário e professor. Ainda jovem, fez várias viagens de navio, época em que já escrevia. Em 1839, trabalhou como boy no navio mercante norte-americano *St. Lawrence*, numa viagem de ida e volta ao porto de Liverpool, na Inglaterra. Sua segunda viagem, em 1841, a bordo do baleeiro *Acushnet*, lhe proporcionou material e experiência para o seu primeiro romance, *Typee* (1846), que fala de suas aventuras com o povo canibal da Polinésia. O segundo romance de Melville, *Omoo* (1847), trata em detalhes de mais aventuras oriundas de outra viagem a bordo de um baleeiro. Outro romance de aventura polinésica é *Mardi* (1849). Outros romances se seguiram, *Redburn* (1849), *Israel Potter* (1855) e *O vigarista* (1857).



Além dos romances, Melville escreveu contos como “Bartleby the Scrivener” (1853), “Benito Cereno” (1855) e “O escritorário” (1956). Publicou também vários volumes de poesia. Em 1891, completa seu último romance, Billy Budd,[22] publicado postumamente, em 1924.[23]

Em 1851, é publicado seu renomado romance Moby-Dick. Melville mostrou nesta obra, protótipo do romance de aventuras, todo o seu conhecimento sobre o mar.

Falar de identidade significa expressar uma idéia, uma opinião a respeito do que isso possa representar no universo da literatura americana, ou do chamado sonho americano. Identidade é tudo aquilo que distingue um grupo de outro e o posiciona neste ou naquele lugar onde existem outros iguais ou semelhantes a ele. A identidade do EU-indivíduo, como ser único e ao mesmo tempo pertencente a um grupo ou a uma nação, o EU-nação. O EU que se olha, ou o self, e o EU objeto desse olhar – estamos falando de reflexividade.

No romance Moby-Dick, o narrador começa: “Call me Ishmael”. É um observador e diz: “sou/estou descentrado, não estou em mim”, uma declaração que denota a falta de senso ou de direção, e elementos como o mar e a água aparecem como escape. O mar como extensão da terra mostra a extensão da própria vida. É narciso que vê algo que não se pode ver ou agarrar. E a questão do privado tornado público, Kant dizendo que é através da arte, do sublime, que se pode aproximar desse algo que não é conhecido plenamente.

A obra se passa em 1841, na cidade de Bedford. Ishmael, o narrador de toda a história, sente-se livre no mar. O romance apresenta personagens como o temível capitão Ahab e seu pequeno assistente Pip, capaz de correr de um lado para o outro dentro do navio, cumprindo ordens de Ahab, impossibilitado de fazer as tarefas por não ter uma perna, e Starbuck, um dos imediatos, que representa a voz da sensatez no romance, chamando várias vezes o capitão Ahab à razão, sem que este lhe dê atenção.

O questionamento da identidade não é apenas um tema persistente em Moby-Dick, mas o seu assunto. Existe a idéia de que os corpos são incompletos e que a sua incompletude estaria ligada à invisibilidade de sua essência. Melville apresenta a questão da busca de identidade na personagem de Ahab. E Moby Dick seria esta identidade, a perna que ele perdeu. A baleia completaria Ahab.

### 3.1. A QUESTÃO DA IDENTIDADE EM AHAB

(...) O sofrimento físico possui uma trajetória na experiência humana. Ele desorienta e torna o ser incompleto, derrota o desejo de arraigamento (...).[24]

O capitão do Pequod é um homem obcecado: quer matar a temível Moby-Dick. Sua obstinação é tanta que o deixa cego de tanta fúria e rancor. Não consegue esquecer o incidente que o fez perder a perna justamente quando caçava a baleia. O capitão Ahab sente-se diminuído em relação à baleia, considerada por ele como uma ameaça a sua identidade. Seu ódio é tanto que ele subverte todos os limites do corpo para concretizar seu principal objetivo: eliminar a baleia da face da terra. Para tanto, não respeita os próprios limites, levando consigo toda uma tripulação (com exceção de Ishmael) para a morte:

(...) a paixão humana mais elemental não é o amor ou a ambição ou o poder, mas algo mais próximo da ansiedade - ansiedade mais profunda ligada ao nosso ser, uma ansiedade que nos direciona não importando a situação e que mantém a pergunta de que o mundo é formulado e governado. Ahab é a vítima mais óbvia de sua paixão.[25]

Ahab fala o tempo todo de seu passado, quando perdeu a perna para a baleia. Seu corpo mutilado é algo que o incomoda profundamente, e, diante desse fato, ele encontra um prazer narcisista de falar

sobre si próprio a todos aqueles que estão ao seu redor. O poeta romântico inglês William Wordsworth escreveu: “nunca antes acontecera de uma pessoa que falasse tanto de si mesma”. [26] Ahab quer reafirmar a identidade de si próprio, a identidade do “eu”, do self que quer se construir pela estranheza do corpo (a perna de marfim de Ahab seria um terceiro corpo: “(...) Soul, body, a third corporeal entity (...).” [27]

No capítulo “The Cabin”, aparece a questão da incompletude, dos “selves” que requerem a necessidade de um “outro” para serem completos. O self/“eu” foi cortado em Ahab, o que causou a perda da identidade do corpo. A preocupação pública com o “eu” em Ahab não ocorre apenas com ele, mas é percebida também na biografia do poeta inglês James Hogg, que revela:

(...) Gosto de escrever sobre a minha pessoa; na verdade, poucas coisas me são mais agradáveis.” Esse prazer narcisista, estava no centro do que Baudelaire chamou de “atomização e centralização do “eu”(...) Isto é tudo. [28]

O romance trata de forma alegórica para a questão da falta da perna de Ahab. O personagem Pip é a perna que falta em Ahab, pois é ele quem auxilia Ahab nas mais variadas atividades nas quais o capitão não conseguiria desenvolver faltando uma perna. Diante disso, o reconhecimento do “eu”/self se perde em Pip, que passa a ser visto como o “outro”/otherness enquanto Ahab se utiliza de seus favores. É a questão do self/“eu” que precisa do otherness/outro para existir.

Ahab tem a identidade doente, pois falta-lhe uma perna. A preocupação com o “eu” chegava aos limites da neurose, por isso a busca incessante e obcecada que tem pela baleia, uma preocupação ao mesmo tempo particular (tenho uma percepção) e pública (a percepção que têm de mim). O pior que aconteceu com Ahab não foi a mutilação de seu corpo, mas a sua não autenticação, ou seja, fazê-lo ser algo diferente dele. A perna de marfim de Ahab é um corpo estranho a ele. A questão que se apresenta é que a fusão dos corpos é a imperfeita complementariedade tanto dentro quanto fora do self.

Em 1851, a obra-prima de Melville, Moby-Dick foi publicada. Um romance de aventura, robusto e realista que recai na fascinação do autor com a baleia e a caça à baleia, conseguindo reunir um simbolismo convincente na personagem do capitão Ahab, cuja fúria monomaniaca contra a baleia, ou do mal que ela representa para ele, leva-o à morte (...)

(...) representa a luta da humanidade contra seu destino em vários níveis da experiência. [29]

A posição de Melville quanto à essa busca sem fim (na verdade, o fim é a morte de todos do navio, com exceção de Ishmael) parece ser a de mostrar um homem que, apesar de obcecado, está certo do que procura e não mede esforços para alcançar seu objetivo, ainda que essa busca represente a sua própria ruína e desgraça.

### 3.2. MOBY-DICK NO CINEMA

A obra de Melville fez sucesso tanto na literatura quanto no cinema. Várias foram as versões de Moby-Dick para o cinema e a TV.

O trabalho para a TV mais recente é de 2002. com direção de Christopher Rowley: Moby-Dick: the true story.. Em 1955, com direção de Orson Welles, outro trabalho com o título: Moby-Dick Rehearsed.

No cinema, foram várias as versões: [30] em 1999, com direção de Orson Welles, um curta-metragem produzido pela Inglaterra e Estados Unidos; em 1930, sob a direção de Lloyd Bacon e adaptação de Oliver H.P. Garrett; em 1956, nas mãos do diretor John Huston, com Gregory Peck no papel do capitão Ahab; Richard Basehart como Ishmael, o narrador do romance, e Orson Welles como o pregador que

faz um monólogo na igreja (no romance, capítulo 9: "The Sermon") sobre a história bíblica de Jonas que foi engolido por uma baleia.

A adaptação de Huston para o cinema pode ser considerada a melhor. É um longa-metragem em que o ator Gregory Peck (ator em que o público já estava acostumado a ver interpretando papéis de bom moço) não foi bem aceito, tornando-se um fracasso de bilheteria. O público não apreciou muito ver Gregory Peck representando um capitão insano que persegue irresponsavelmente a baleia que lhe arrancara a perna. Além disso, aplaudir um Gregory Peck com falhas de caráter não era algo que o público estivesse acostumado.

Contudo, o filme *Moby-Dick* foi uma adaptação relativamente fiel ao livro homônimo de Herman Melville e um projeto audacioso do diretor John Huston. O trabalho de pesquisa para a realização do filme merece ser lembrado. Huston pesquisou a fundo o cotidiano de um baleeiro. É possível ver a tripulação do Pequod capturar uma baleia e depois parti-la em pedaços, armazenando sua carne e fabricando óleo com sua gordura.

Outro ponto que merece ser lembrado, e que revela o talento do cineasta, é o enorme suspense antes de aparecer os dois protagonistas do filme: Ahab e Moby-Dick. As outras personagens os descrevem de forma intensa e marcante. As cenas de ação são totalmente fascinantes.

O filme *Moby-Dick* está concentrado na incessante caça à baleia branca por um capitão obcecado e louco de ódio pelo que ela fez com ele. O roteiro mantém alguns longos monólogos que permitem que o espectador conheça um pouco mais do capitão, embora quebre o ritmo da ação.[31]

A presença do capitão Ahab é simplesmente impressionante e contagiante. Seu assistente, Pip, é um adolescente em torno dos 14 anos, que corre de um lado para o outro dentro do navio baleeiro, sempre assistindo às necessidades mais emergenciais do capitão. Tanto no romance, quanto no filme, a importância de Pip para o capitão está bem representada.

Um detalhe: no filme, a moeda espanhola que Ahab havia prometido ao primeiro homem do navio que avistasse a grande Moby-Dick realmente foi a este entregue. Contudo, no romance parece que a moeda permanece com Ahab.

Críticas à parte, o filme do cineasta John Huston é uma pequena obra-prima. Tenso e bem realizado, é um dos melhores exemplares do gênero "homem-contra-feras-da-natureza", ao lado de King Kong, Os pássaros e, é claro, Tubarão.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho ressaltou a questão da identidade vista através da personagem do capitão Ahab, que não hesitou em atingir o seu objetivo: matar a baleia Moby-Dick. Chamamos a atenção também para a literatura do século XIX e de seus principais autores e obras. Discutimos o romance *Moby-Dick* e como ele focaliza a questão da identidade do "eu"/self, e de sua importância e relevância para a literatura norte-americana do período romântico. Fizemos referência para o que existe no meio cinematográfico, destacando a direção do cineasta John Huston, em 1956.

O desenvolvimento do trabalho ficou submetido às várias citações necessárias para ilustrar e esclarecer nossa proposta de trabalho. Nossa tentativa foi a de trazer para o leitor um trabalho não original, mas algo que possa servir de apoio e fonte bibliográfica para futuros pesquisadores interessados em continuar e ampliar as idéias aqui apresentadas.

Na verdade, uma discussão mais ampla se faria necessária para abarcar tamanha riqueza de conteúdo e de significações da obra em questão. No entanto, preferimos deixar essa tarefa para uma outra oportunidade, já que não pretendemos fazer aqui uma dissertação ou uma tese a esse respeito.



Esperamos que o leitor possa se identificar aqui com as questões apresentadas e levar adiante as tantas contribuições sugeridas no romance de Melville. Referência Bibliográfica

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Trad. 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos: Ivone Castilho Benedetti. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRADBURY, Malcolm. O romance americano moderno. Trad: Barbara Heliodora. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1991.

BRODHEAD, Richard H.(ed.). New Essays on Moby-Dick. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BRUGNI, André. "Os primeiros acordes do jovem Faulkner". Jornal o Brasil, Rio de Janeiro, 31 ago. 2002. Caderno Idéias & Livros, p. 1; 5.

CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. 5a ed. Trad: Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 279 p.

CAMERON, Sharon. The corporeal self: Allegories of the body in Melville and Hawthorne. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1981.

CAVENDISH, Sueli. "Faulkner em alta tensão: lidas juntas, as duas histórias ganham nova interpretação, que revela o imperativo moral do autor". Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 jun. 2003. Caderno Idéias & Livros, p. 1; 6.

GEISMAR, Maxwell. Moby-Dick. Introduction by Maxwell Geismar. New York: Washington Square Press, 1949.

GRAÇA, Antônio Paulo. "Alegoria da consciência moral". In: JAMES, Henry. A arte da ficção. Sel. e apres. Antônio Paulo Graça. Trad: Daniel Piza. São Paulo: Editora Imaginário, 1995.

LOPES, Walter de Souza. "Um passeio pelas terras vitorianas: um estudo sobre as memórias e autobiografia, segundo Peter Gay". In Anais da 1ª Semana de Estudos Interdisciplinares Anglo-Americanos. Rio de Janeiro: Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), n.1, 1999.

MATTHIESSEN, F.O "Billy Budd, Foretopman". In: CHASE, Richard (ed.). Melville: a collection of critical essays. New Jersey: Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, 1962.

MENDES, Oscar. "Influência de Poe no estrangeiro". In: Edgar Allan Poe: ficção completa, poesia e ensaios. Introdução geral. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997.

MEYNELL, Viola. Moby-Dick or The Whale. Edited by Humphrey Milford. London: Oxford University Press, 1930.

NABUCO, Carolina. Retrato dos Estados Unidos à luz da sua literatura. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PERKINS, George & PERKINS, Barbara (eds.). The American Tradition in Literature.. 8th edition, v.1, Mc.Graw-Hill, Inc., 1994.

RAPP, Marvin A (ed.). Highlights of American History. New York: Parents' Magazine Enterprises, v.6, p.240-241.

SENNETT, Richard. Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 2a. ed. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TAYLOR, Walter Fuller. A História das Letras Americanas. Brasil e Portugal: Fundo de Cultura, 1967.

Sites de consulta:

<http://www.cinema.art.br/crit-editor-filme.asp?cod=1786>

<http://victorian.fortunecity.com/postmodern/135/biografias.htm>

<http://www.revistacult.com.br/oapostolodoindividualismo.html>

<http://virtualbooks.terra.com.br/artigos/william-faulkner.htm>

<http://diariodonordeste.globo.com/2002/08/11/060025.htm>

<http://www.gradesaver.com/classicnotes/authors/about-herman-melville.html>

[www.imdb.com](http://www.imdb.com).

---

[1] Consulta disponível em: <http://victorian.fortunecity.com/postmodern/135/biografias.htm>

[2] MENDES, Oscar. "Influência de Poe no estrangeiro". In: Edgar Allan Poe: Ficção completa, poesia e ensaios. Introdução geral. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997, p. 56.

[3] CAMERON, Sharon. The corporeal self: allegories of the body in Melville and Hawthorne. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1981, p. 10.

[4] Consulta disponível em: [http://virtualbooks.terra.com.br/artigos/WILLIAM\\_FAULKNER.htm](http://virtualbooks.terra.com.br/artigos/WILLIAM_FAULKNER.htm)

[5] CAVENDISH, Sueli. "Faulkner em alta tensão: Lidas juntas, as duas histórias ganham nova interpretação, que revela o imperativo moral do autor". Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 21 jun. 2003. Caderno Idéias e Livros, p. 1; 6.

[6] BRUGNI, André. "Os primeiros acordes do jovem Faulkner". Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 31 ago. 2002. Caderno Idéias e Livros, p. 1; 5.

[7] MEYNELL, Viola. Moby-Dick or The Whale. Edited by Humphrey Milford. London: Oxford University Press, 1930, p.VIII. Do original: "Hawthorne: Melville's friend and neighbour."

[8] CAMERON, Sharon, op. cit., p. 10.

[9] PERKINS, George & PERKINS, Barbara (eds.). The American Tradition in Literature. 8th edition, v.1, Mc.Graw-Hill, Inc., 1994, p. 1933. Do original: "(...) He insisted on the unity of the personality and the significant importance of all experience. He extolled the values of the common, the miracle of the mouse, the wholesome soundness of the calloused hand, the boy's sweat."

[10] ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. Trad. 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos: Ivone Castilho Benedetti. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

[11] ABBAGNANO, Nicola, op. cit., p. 530.

- [12] BRADBURY, Malcolm. O romance americano moderno. Trad. Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991, p. 69.
- [13] TAYLOR, Walter Fuller. A História das Letras Americanas. Brasil e Portugal: Fundo de Cultura, 1967, p.77-79.
- [14] CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. 5a. ed. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, p. 172.
- [15] Idem.
- [16] GRAÇA, Antônio Paulo. "Alegorias da consciência moral". In: JAMES, Henry. A arte da ficção. Sel. e apres. Antônio Paulo Graça. Trad. Daniel Piza. São Paulo: Editora Imaginário, 1995, p.8.
- [17] Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/2002/08/11/060025.htm>
- [18] Disponível em: <http://www.revistacult.com.br/oapostolodoindividualismo.html>
- [19] CALVINO, Ítalo. Por que ler os clássicos. 5a. ed. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 9-12.
- [20] RAPP, Marvin A (ed.). Highlights of American History. Parents' Magazine Enterprises: New York, v.6, p.240-241.
- [21] GEISMAR, Maxwell. Moby-Dick. Introduction by Maxwell Geismar. New York: Washington Square Press, 1949, p. V, VI.
- [22] MATTHIESSEN, F.O . "Billy Budd, Foretopman". In: CHASE, Richard (ed.). Melville: a collection of critical essays. New Jersey: Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, 1962. Sobre Billy Budd: "This extraordinary way of presenting good and evil has not really carried us far from Billy Budd, where innocence is as inevitably foredoomed by black malice. Billy does not have the spiritual insight of Dostoevsky's Idiot, some share of which came to Pip in his madness."(p.159).
- [23] Disponível em: <http://www.gradesaver.com/classicnotes/authors/about-herman-melville.html>
- [24] SENNETT, Richard. Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 2a. ed. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.305. Richard Sennett é professor da Universidade de Nova Iorque. Estudioso de História e Humanidades.
- [25] BRODHEAD, Richard H. (ed.). New Essays on Moby-Dick. Cambridge: Cambridge University Press, 1986, p. 4. Do original, em inglês: "(...) the most elemental human passion is not love, or ambition, or acquisitiveness, but something more like anxiety \_ anxiety, specifically, about the ground of our being, na anxiety that drives us, whatever our immediate situation, to keep worrying the question how the world is framed and governed. Ahab is the most obvious victim of this passion."
- [26] LOPES, Walter de Souza. "Um passeio pelas terras vitorianas: um estudo sobre as memórias e autobiografia, segundo Peter Gay". In: Anais da 1ª Semana de Estudos Interdisciplinares Anglo-Americanos. Rio de Janeiro: Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), n.1, 1999, p. 66.
- [27] CAMERON, Sharon, op. cit., p. 13.
- [28] LOPES, Walter de Souza, op. cit. p.68.
- [29] PERKINS, George & PERKINS, Barbara (eds.). The American Tradition in Literature. 8th edition, v.1, Mc. Graw-Hill, Inc.,.1994, p.1812. Do original: "In 1851, Melville masterpiece, Moby-Dick was published. A robust and realistic novel of adventure, drawing upon the author's fascination with the

whale and whaling, it achieves a compelling symbolism in the character of Captain Ahab, whose monomaniacal fury against the whale, or the evil it represents to him, sends him to his death (...)(...) represent the struggle of humanity against its destiny at various levels of experience.” A tradução do inglês para o português foi feita pela autora desse trabalho.

[30] As informações sobre as várias adaptações do romance homônimo de Melville, Moby-Dick foram encontradas no site: “The Internet Movie Database” (IMDb), que se encontra disponível em: [www.imdb.com](http://www.imdb.com)

[31]<http://www.cinema.art.br/crit-editor-filme.asp?cod=1786>.